

# AS FANFICS E OS OLIMPIANOS: ESCRITA CRIATIVA, DISCURSO E IDENTIDADE NO AMBIENTE VIRTUAL

Demóstenes Dantas Vieira<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho propõe a análise da *fanfic Perseguidos pelo Destino*, inspirada na série *Percy Jackson e Os Olimpianos* do escritor estadunidense Rick Riordan. Através dele objetivamos analisar a relação entre escrita criativa, discurso e identidade dos fãs a partir de suas produções. Por conseguinte, propomos compreender o processo de escrita criativa nas *fanfics* e analisar os mecanismos discursivos através dos quais os *ficwriters* (escritores das *fanfics*) materializam traços de subjetividade e identidade nas suas produções, refletindo sobre a influência da literatura de massa na construção da identidade dos fãs/leitores/escritores. Como aporte teórico, ressaltamos as contribuições de Coelho (1999), Rezende e Coelho (2010), Vieira (2015), Vieira e Brito (2015), Bauman (2005), Jenkins (1992/1999/2006), Foucault (2012), Pêcheux (2010), Orlandi (2012) e diversos pesquisadores da Escrita Criativa, tais como Cachada (2005), Figueiredo (2013), Houdart-Merot (2004), Ostrower (1987), entre outros. Os resultados da análise apontam para a *fan culture* e *fanfics* como formas de cultura participativa e para o desejo de fusão, fascínio e adoração inerentes à relação fã/ídolo, emoções que se materializam nas práticas discursivas construídas a partir da (re)escrita criativa.

**Palavras-Chave:** *Fanfic*, escrita criativa, discurso, identidade.

## Considerações iniciais

O vocábulo *fanfics*, utilizado por Jenkins (1999), designa plataformas colaborativas de produção (escrita e reescrita criativas) de narrativas ficcionais criadas ou recriadas pelos próprios fãs a partir de um texto fonte (literário ou não), por sua vez, *cultuado* por eles. A palavra é uma espécie de corruptela advinda de dois termos da língua inglesa, *fan* (fã) e *fiction*

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Pernambuco – UFPE; Mestre em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, Campus Macau, onde atua com as disciplinas de Língua Portuguesa, Leitura e Produção de Texto Acadêmico e Metodologia Científica, no Ensino Básico, no Ensino Superior e na Pós-Graduação.

(ficção), sendo traduzida, portanto, como ficção de fãs. Se pensada a visão de Dornelles (2008, p. 13) ela pode ser considerada como uma Rede Social em ambiente virtual, visto que ela se constitui como forma de *sociabilidade* em total “desconexão entre as variáveis de tempo e de espaço”.

À vista disso, propomos uma reflexão sobre as *fanfics* e sua relação com a constituição da identidade, sobretudo no que concerne a construção de uma cultura participativa, de uma *fan culture* (cultura de fãs). Ao propor a análise de uma *fanfic*, questionamo-nos sobre a influência da literatura de massa nos processos de subjetivação e construção da identidade dos fãs/leitores/escritores. Assim também propomos entender como os fãs se utilizam da (re)escrita criativa como mecanismo para se autoafirmarem enquanto fãs que não apenas leem as obras, mas são (co)participantes e (co)criadores do universo literário que o fascina.

Como objetivo geral, propomos analisar a relação entre escrita criativa, discurso e identidade dos fãs a partir das narrativas produzidas por fãs da série *Percy Jackson e o Os Olimpianos*. Já os objetivos específicos apresentam-se como: compreender o processo de escrita criativa nas *fanfics*; analisar os mecanismos discursivos através dos quais os *ficwriters* (escritores das *fanfics*) materializam traços subjetividade e identidade nas suas produções e, refletir sobre a série *Os Olimpianos*, de modo que possamos entender como a *Indústria Cultural*, focada na produção de uma literatura infanto-juvenil, participa/interfere nos processos de subjetivação e construção da identidade de jovens leitores.

Com relação à nossa metodologia, propomos como método procedimental a Análise do Discurso pautada nos pressupostos teórico metodológicos da vertente franco-brasileira, em que se objetiva a arqueologia dos processos de (re)escrita criativas nas *fanfics*, de modo que se possa entender como as *fanfics* se constituem plataformas colaborativas em que se materializam traços de subjetividade e identidade dos fãs. Para tanto, analisaremos a *fanfic* intitulada *Perseguidos pelo Destino*<sup>2</sup>, de autoria da *ficwiter* Marcy\_Levesque (perfil de usuário).

### **A Fan Culture e a construção da identidade**

A *fan culture* compreende um fenômeno moderno e bastante complexo. Essa expressão tem ganhado espaço no meio acadêmico, principalmente, através das pesquisas do

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://socialspirit.com.br/fanfics/categorias/percy-jackson-os-olimpianos?personagem=percy-jackson>>. Acesso em 01 de agosto de 2015.

comunicólogo Henry Jenkins. Ela se refere às teias de significados que se configuram a partir da relação fã, ídolo e cultura de massa. Nesse sentido, entende-se que o corpus investigativo desse fenômeno é a figura do fã submerso na cultura midiática em que se faz presente a mediação de subjetividades a partir da *Indústria Cultural* (VIEIRA; BRITO, 2015).

Conforme escreve Bussab (2004), não pode existir uma cultura de fãs se não existir uma cultura de massa. É esta última que constrói os modelos de adoração, produz exemplos de família, de felicidade, gênios do esporte, da música, da teledramaturgia, e incute no olhar das pessoas a necessidade de ser igual, de vestir-se, amar, ser feliz tão quanto os *Olimpianos*<sup>3</sup>. Os ídolos apresentam-se, portanto, como seres sacralizados pelo consumo, pela mídia e pela *Indústria Cultural*, como deuses do Olimpo, cuja beleza e maestria devem ser veneradas (MORIN, 1997).

Segundo Jenkins (2006b), a principal característica dos fãs é a capacidade de transformar reações subjetivas em interações sociais e *cultura do espectador* em cultura social e participativa. Ora, segundo ele, a formação de um fã ultrapassa os limites da decodificação e não basta apenas assistir a um programa ou ouvir uma música para tornar-se fã, é necessário troca de informações, compartilhamento de opinião e compartilhamento de emoções. Tais atitudes se dão principalmente a partir da participação em fã-clubes (presenciais ou virtuais) e em *fanfics* (JENKINS, 2006).

Se pensado a constituição da relação (fã/ídolo/objeto), veremos forte ligação naquilo que Simmel (2006) irá descrever da constituição da condição humana, que segundo ele compreende uma tensão entre compartilhar, entender-se igual, diferenciar-se e também saber-se singular. Como afirma Jenkins (2006) o fã necessita compartilhar opiniões e emoções. Esse compartilhamento os faz semelhantes, tendo em vista que se dá uma compreensão de si mesmo a partir do pertencimento (JENKINS, 1992).

Conforme Rezende e Coelho (2010), ser fã é um risco à autoimagem e, portanto, deve ser evitado. A desvalorização social de sua adoração e, por conseguinte, do “amor” oferecido aos ídolos e objetos de culto, adentra a constituição psíquica, biológica e social das emoções. Nesse contexto, “o fã vê-se assim diante de um dilema, impensado pela necessidade de expressar o que sente e a percepção, mais ou menos clara, mais ou menos difusa, da natureza socialmente desvalorizada deste afeto” (REZENDE; COELHO, 2010, p.32). Talvez o

---

<sup>3</sup> Termo usado por Morin (1997) para se referir às celebridades.

surgimento dos fã-clubes e *fanfics* seja fruto da desvalorização desse sentimento de afeto. Eles surgem como forma de cultura marginal, como forma de resistência social (JEKINS, 1992).

Ao tratar das emoções nas relações fã/ídolo, Coelho<sup>4</sup> (1999) escreve que as experiências de afeto construídas a partir dessa interação se dão como forma de “estado fusional”, como se tais emoções propiciassem ao sujeito um afastar-se de si ao mesmo tempo em que se perde na adoração do outro. Segundo Rezende e Coelho (2010, p.31), tais emoções compensariam “as incertezas do eu, permitindo a eclosão de uma sensação de êxtase. Amor e carisma teriam assim em comum a capacidade de provocar no indivíduo enamorado/fascinado uma sensação de conforto gerada pela "fusão" com o “outro”. Como objeto de adoração, o ídolo torna-se mais que uma pessoa admirada, mas um indivíduo cujas ações, vestuário, concepções e modo de vida passam a ser imitados. Bauman (2005) escreve que esse processo compreende a formação de uma identidade, que também não é estática. Segundo ele, é através das relações com o outro que nossa identidade se constitui, apesar de que o que somos hoje pode não ser o que seremos amanhã.

Nesse sentido, o sujeito está sempre se constituindo e sua identidade está, portanto, em constante transformação. Bauman (2005, p. 54) escreve que a constituição do sujeito (mais especificamente, sua identidade) se dá como em um quebra-cabeça “ao qual faltam muitas peças (e jamais se saberá quantas)”.

Morin (1980, p. 58) escreve que as cartas dos fãs a estrelas do cinema hollywoodiano apresentam “a linguagem do amor” e que ela “se mistura com a da adoração”. Tal adoração se dá através de diversas formas e de diversos níveis de adoração (JEKINS, 1992). Certo é que essa relação se constitui como poderoso instrumento de mediação na construção do sujeito, que, em muitos casos, se compreendem e até se denominam como tais adoradores, adotando, portanto, um modo de vida, um modo de ser etc.

Segundo Morin (1984), a *Indústria Cultural* não pode mais ser compreendida apenas sob o viés determinista, pelo contrário, deve ser compreendida como de interpretação da experiência, tendo em vista que através dela o sujeito atribui sentido e até ressignifica a sua experiência que, muitas vezes, perpassa os modelos de socialização e subjetivação fornecidos por ela. Esses modelos perpassam o consumo de produtos assim como a vida do outro, das chamadas celebridades, dos escritores, universo ficcional, personagens, etc.

---

<sup>4</sup> Na pesquisa a que nos referimos, Coelho (1999) analisou um conjunto de 280 cartas de fãs endereçadas a ídolos televisivos, mais especificamente, um ator e uma atriz de grande projeção nacional. Ambos eram atores protagonistas de novelas da Rede Globo de Televisão em horário nobre.

## **As *Fanfics* e a cultura da convergência**

A era da globalização é marcada por novas formas de interação social, redes de sociabilidade e de apreciação estética e literária. No mundo virtual, por exemplo, percebemos vasta expansão de produção e circulação dos mais diversos tipos e gêneros textuais, prevalecendo nesse espaço a multimodalidade. Encontramos também nesse espaço uma enorme quantidade de jovens lendo, produzido e compartilhando literatura, poemas, contos, crônicas e até romances. Isso se dá principalmente através das redes sociais, apesar de aparecerem em outros suportes digitais. Nesse cenário, apresentam-se as *fanfics* que, por sua vez, se constituem o objeto de análise do presente trabalho.

As *fanfics* ou *fantictions*, como também costumam ser chamadas, se configuram em produções elaboradas pelos fãs de determinados produtos culturais, de pessoas que se encontram inseridos em certo universo ficcional, sejam poemas, contos, crônicas, relatos pessoais e mesmo romances. Tais produções se expandem por intermédio das redes sociais, dos sites, fóruns e dos blogs, como uma rede de sociabilidade através da qual os fãs também se constituem enquanto sujeitos, marcando espaços de interação e interlocução com outros fãs no espaço virtual.

O *ficwriter*, nome dado aos autores desse tipo de produção, é antes de mais nada um leitor do universo ficcional de suas obras e das produções de outros fãs. É a partir de suas leituras e da adoração/fascínio às obras que compõem esse universo que o fã se propõe a produzir textos literários que deem continuidade ao universo por ele adorado, criando personagens, narrativas, perspectivas, preenchendo espaços vazios das narrativas e história dos personagens e também se incluindo como personagem dentro desse universo. As *fanfics* possibilitam aos fãs o sentimento de coparticipação na produção literária, o que nos remete ao que Jenkins (1992) denominará de *cultura participativa*.

Quando realizamos a leitura de uma obra literária (chega ele do Cânone ou não) inevitavelmente ocorre à produção de sentidos que perpassa o universo no qual tal produção foi realizada, por quem foi escrita, quem está lendo, identificação com o que está sendo dito etc. Esse processo pode ser aguçado quando o leitor nutre um grande sentimento de identificação com a obra, se entregando a uma busca contante de conhecer tudo acerca da obra e do universo no qual foi escrita. Isso é uma característica marcante dos *ficwriters* que travam uma busca constante do que está além do texto escrito na obra.

Diante dessas considerações, é relevante frisar que os fãs estão inseridos em um mundo bastante polifônico, que apresentam diversas opiniões acerca do mundo ficcional no qual fazem parte. Por conseguinte, a sua busca dá origem a diversos outros discursos ficcionais que (re)significam o universo ficcional, e (re)produzindo outros discursos através da sua memória e escrita criativa.

A cultura do fã, também chamada por Jenkins (1992/2006) de *fandom* se materializa nas *fanfics*, consideradas aqui como espaço virtual através do qual circulam diversos tipos de produções dos fãs/leitores/escritores que possuem interesses por obras em comum. Tal circulação materializa-se em suportes digitais diferentes. As *fanfics* agregam produções literárias. As *fanarts*, por sua vez, congregam produções imagéticas. Já as *fanhits* comportam produções musicais. A troca de informações nesses espaços ficcionais e digitais promove o que Jenkins (2009) denomina de *cultura da convergência*. Segundo ele,

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. Por haver mais informações sobre determinado assunto do que alguém possa guardar na cabeça, há um incentivo extra para que conversemos entre nós sobre a mídia que consumimos. Essas conversas geram um burburinho cada vez mais valorizado pelo mercado das mídias (JENKINS, 2009, p.30).

Ainda segundo Jenkins (2009) as produções dos fãs, elaborados e expostos de forma marginal e *off-line* conseguiam alcançar um número limitado de fãs que participavam de determinado universo ficcional, não ocorrendo também da forma expressiva como vem sendo realidade a partir do advento e democratização do acesso à internet. Jenkins (2009) escreve que a popularização no ambiente virtual catalisou dessas a cultura dos fãs. Posto isto, podemos inferir que a compreensão da *cultura da convergência* perpassa as relações *off* e *online*, constituindo-se um fenômeno inerente a esses dois eixos.

### **Reflexões sobre a (re)escrita criativa**

A escrita inexistente sem a criatividade que, por sua vez, guia todas as etapas do processo da escrita. Entretanto, a criatividade não é fácil de definição, por esse motivo propomos algumas reflexões sobre as formas como concebemos o termo criatividade. Para o Dicionário

Aurélio de Língua Portuguesa (2001), a criatividade pode ser entendida como: “1 Capacidade de criar, de inventar. 2 Qualidade de quem tem ideias originais, de quem é criativo. 3 Capacidade que o falante de uma língua tem de criar novos enunciados sem que os tenha ouvido ou dito anteriormente”.

Há, portanto, inúmeras definições e conceitos para o entendimento da criatividade. Aqui, a compreendemos como elemento fundamental a produção artística, linguística e literária, e entendemos que qualquer texto independente do gênero pode ser criativo contanto que tenha inovação, invenção e originalidade. De forma geral, tal expressão é utilizada para designar a forma através da qual nos utilizamos da criatividade para produzir textos diversos (sejam eles verbais ou não verbais). Apesar de que a criatividade está intimamente ligada à linguagem, conforme escreve Chomsky (1957/1965) está intimamente ligada aos processos de aquisição da língua e construção de enunciados.

Outras expressões também são utilizadas para definir esse tipo de escrita. Amor (2003, p. 131) utiliza as expressões “escrita recreativa ou extensiva”, no tocante que para ela escrever é constantemente “um ato de reescrever sobre textos próprios ou alheios”. Em consonância com essa linha de raciocínio, Houdarte-Maret (2004, p. 09, *tradução nossa*) compreende “a capacidade invenção perpassa a escrita, diz capacidade de escrita invenção, refere-se a imaginação na preparação do ato de escrever que, por sua vez, alimenta a paixão pela observação de quem também escreve”.

Perante essas observações, vale salientar que, partilhamos da ideia desta autora ao acreditarmos que a escrita é sempre um processo de reescrita na qual é acrescentado alguns aspectos, noções e reflexões novas, que assentam os modelos lidos ou interpretados.

Assim, segundo Peça (1993, p. 56) “o ato de escrita e a relação com o escrito pode educar-nos a reflexão e educar a sensibilidade, permitindo que se cumpra melhor o potencial criativo que em nós habita” e, para Beaudot (1980, p. 48) “deixar a porta aberta para a imaginação é dar liberdade de expressão” aos usuários da língua. Portanto, se faz de suma importância apresentar algumas reflexões já realizadas por alguns acadêmicos e teóricos, acerca do termo criatividade. Em sua dissertação de mestrado, Cachada (2005, p. 15) apresenta algumas definições utilizadas por alguns autores para designar o termo *criatividade*, embora a mesma afirma que tais conceitos não passam de ensaios conceituais. Entretanto, sobre a criatividade ressalta-se



o multifacetado, complexo, abrangente de características que partilham fronteiras com outros conceitos, e decorrentemente, revestido de pluralidade e de controvérsia nas leituras que permite – tem emergido, nos últimos anos, como um alvo de renascido investimento atual, sobretudo no campo da educação.

Diante dessas considerações, Oberlé (1989 *apud* Cachada 2005, p. 15) salienta que a criatividade é “um processo que permite ao indivíduo ou grupo a elaboração de um produto novo ou original, adaptado às condicionantes e às finalidades”. Assim, é importante destacarmos a relevância dada ao “produto novo como original” e a todo processo de elaboração do texto, pois é durante as etapas da elaboração que se utiliza as dimensões cognitiva e metacognitiva que, por sua vez, são primordiais para o surgimento da criatividade e permitem o planejamento, a escrita e aperfeiçoamento do texto. Conforme escreve Ostrower (1987, p.20)

a natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se moldam os próprios valores de vida. No indivíduo confrontam-se, por assim dizer, dois polos de uma mesma relação: a sua criatividade que representa as potencialidades de um ser único, e sua criação que será a realização dessas potencialidades já dentro do quadro de determinada cultura.

Em síntese, podemos concluir que as leituras realizadas pelo indivíduo o influenciam na forma como escreve e na criatividade como o faz. A criatividade ligada ao uso da língua e aos processos de construção do discurso possibilitam a (re)escrita de “novos” textos, no nosso caso, de textos ficcionais. Embora a expressão *escrita criativa* seja muito recente e existam poucos trabalhos sobre o assunto, podemos entender o texto criativo como uma construção em que apresentam-se “o ato de escrever ou reescrever textos, a importância da imaginação, a escrita como reescrita, a liberdade de expressão, a reflexão, a capacidade de criar, de inventar, a originalidade” (FIGUEIREDO, 2013, p. 28).

## **OS Olimpianos e a (re)escrita literária**

A saga *Percy Jackson e Os Olimpianos* é uma coleção de cinco obras de Rick Riordan. O autor foi professor de Inglês e História da Educação Básica em São Francisco – EUA durante 15 (quinze) anos, dedicando-se hoje à produção de literaturas de público infanto-juvenil, cuja temática é a mitologia grega, e em outra saga já concluída a mitologia egípcia. O



primeiro fascículo foi publicado em 2005, *O Ladrão de Raios*. Após o sucesso do primeiro livro da série *Os Olimpianos*<sup>5</sup>, o autor providenciou a escrita de mais 4 (quatro) obras: *O mar de monstros* (2006); *A maldição do Titã* (2007); *A Batalha do Labirinto* (2008) e *O Último Olimpiano* (2009).

A saga rendeu ainda a publicação de três obras complementares relacionadas ao seu enredo. A primeira foi publicada em 2010 e chama-se *Os Arquivos do Semideus*. Ela é composta de três pequenas narrativas que complementam a narrativa principal da série: *Percy Jackson e a Quadriga Roubada*, *Percy Jackson e o Dragão de Bronze* e *Percy Jackson e a Espada de Hades*. A segunda obra complementar, cujo nome é *Guia Definitivo*, é uma espécie de guia prático com orientações aos semideuses de como combater monstros, decifrar profecias, e lançar-se em perigosas jornadas. A terceira obra, por sua vez, intitulada de *Semideuses e Monstros*, é uma coletânea de ensaios que explora o universo da série principal (*Os Olimpianos*) com bastante humor, discutindo temáticas como o reconhecimento de monstros que vivem ao nosso redor, quais as dores e prazeres de ser uma Caçadora de Artêmis, qual dos deuses gregos seria o melhor pai etc. Ela foi escrita por diversos autores, mas foi organizada por Rick Riordan, que também escreveu a introdução.

Em 2010, a série ganhou a primeira versão para os quadrinhos com o lançamento do *Ladrão de Raios* pela *The Lightning Thief Graphic Novel*, nos Estados Unidos, sendo publicado no Brasil apenas em 2011. Seguiram a esta as adaptações do *Mar de Monstro* em 2013 e a *Maldição dos Titãs* em 2014.

*Os Olimpianos* também já ganhou duas adaptações para o cinema, a primeira e a segunda obra da série foram adaptadas com obras denominadas de *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* (2010) e *Percy Jackson e o Mar de Monstros* (2013). Segundo reportagem da Folha de São Paulo<sup>6</sup>, até 2014, a série é um sucesso em todo o mundo. Só o primeiro livro da série vendeu mais de 12 milhões de exemplares em quatro anos. Vale ressaltar também que todas as 05 obras da Saga figuram entre a lista dos mais vendidos do *The New York Times*<sup>7</sup>.

O segundo e terceiro livros da série, além de figurar na lista dos mais vendidos no *The New York Times*, foram indicados para diversos prêmios de literatura contemporânea infanto-

---

<sup>5</sup> A partir de agora usaremos a abreviação *Os Olimpianos* para se referir a série *Percy Jackson e Os Olimpianos*.

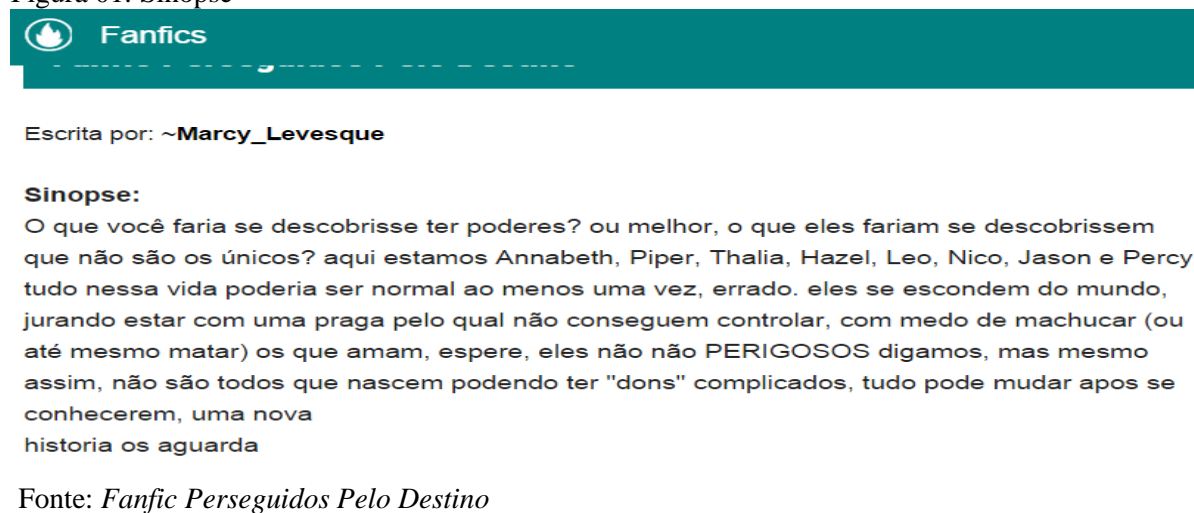
<sup>6</sup> Ver reportagem sobre o assunto disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/03/1429241-escritor-da-a-mitos-nordicos-os-problemas-do-seculo-21-em-trilogia.shtml>>. Acesso em 02 de julho de 2015.

<sup>7</sup> Para maiores informações, sugerimos a leitura de diversas reportagens sobre o assunto. Disponíveis em: <<http://www2.smartbrief.com/news/aaa/industryBW-detail.jsp?id=9436870C-395E-4647-A34E-EEBB11>>; <<http://percyjacksonbr.com/serie/percyjackson/livros/>>. Acesso em 02 de julho de 2015.

juvenil como a *Book Sense Top Ten Summer Pick* em 2006, o Quill Award 2007, e o *Mark Twain Award* de 2009.

Sendo sucesso de vendas no mundo inteiro, a obra também deu origem a diversas *fanfics* no ciberespaço, dentre elas, destacamos a narrativa da *ficwriter* **Marcy\_Levesque** (perfil de usuário). A mesma concluiu um ciber-romance intitulado *Perseguidos Pelo Destino*, conforme sinopse disponibilizada pela própria autora no início de sua obra (2015):

Figura 01: Sinopse



Sobre a narrativa supracitada, realizaremos a análise levando em consideração três aspectos: a escrita criativa como mecanismo de construção de uma cultura participativa (referindo-se a cultura dos fãs); a memória discursiva como mecanismo utilizado pelos *ficwriters*; A escrita criativa como forma de interação entre os fãs, através da qual os mesmos compartilham o sentimento de pertença, sacralização inerente a identidade dos fãs e desejo de singularização. A princípio, entendemos que as narativas realizadas pelos *ficwriters* perpassam a criatividade, entendida aqui não só como característica inerente a condição humana conforme escreve Chomsky (1957/1965), mas como um recurso estilístico usado conscientemente e com uma finalidade específica. No caso das *fanfics*, a escrita criativa

apresenta-se como um mecanismo linguístico utilizado na construção da cultura dos fãs, por sua vez, uma cultura participativa, conforme escreve Jenkins (1992).

Ao utilizarem a imaginação e criatividade em torno do universo de fascínio e adoração a que pertencem criando narrativas paralelas às obras “cultuadas” os fãs demonstram a dinâmica da cultura de massa e a influência da mesma nos processos de formação de subjetividade. Ser fã, nesse sentido, não é ser apenas um *adorador fascinado*, mas sim um participante desse universo. Nesse sentido, a escrita criativa é utilizada pelos *ficwriters* como um mecanismo através dos quais os fãs se afirmam não apenas como membros de um fã-clube, mas como coparticipantes desse universo criativo, tendo em vista que os mesmos produzem universos paralelos que dão continuidade a obra cultuada, explicando lacunas, criando personagens, histórias, etc.

A sinopse da narrativa criada por *Marcy\_Levesque* aponta para uma produção discursiva em que o *discurso não marcado* se materializa. Annabeth, Piper, Thalia, Hazel, Leo, Nico, Jason e Percy que compõem os personagens de sua narrativa, na verdade, são personagens de *Os Olimpianos* e que migraram para o seu universo ficcional. Seguindo a mesma linha de criação da obra “original”, tais personagens também são semideuses, filhos de humanos e deuses que em ambas as narrativas coexistem no mundo moderno sem o conhecimento dos humanos.

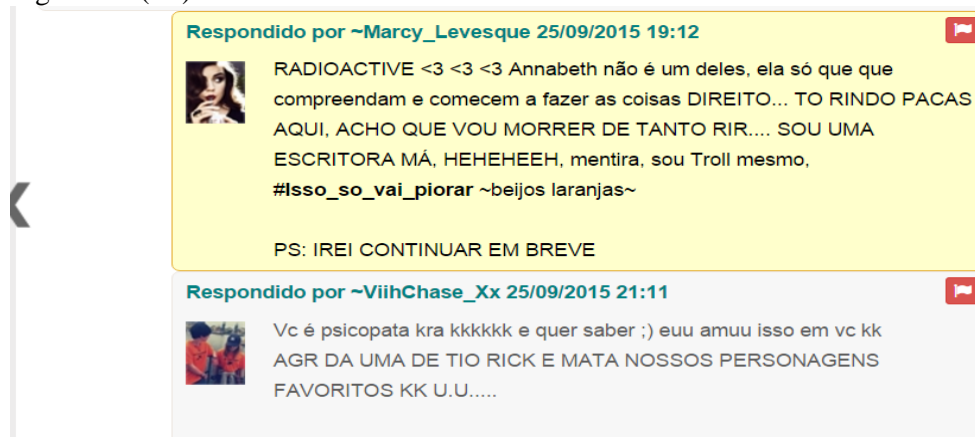
Dessa forma pode-se inferir que a construção das narrativas dos fãs se constroem a partir da utilização da *memória discursiva* que traz à tona elementos da narrativa de Rick Riordan. A noção de memória discursiva, por sua vez, refere-se a um espaço social de memória que possibilita o funcionamento do discurso, que se constrói como corpo social, histórico e cultural (FERNANDES, 2008). Para Pêcheux (2010), a produção discursiva constitui a materialidade de certa memória social. Dessa forma, o que chamamos de interdiscurso na AD é o processo de atualização da memória dado pelos dizeres que afetam às formas como o sujeito significa e ressignifica uma dada formação ou acontecimento discursivo (ORLANDI, 2012).

Ainda segundo Pêcheux, o interdiscurso deve ser considerado “como memória discursiva e como condição indispensável na produção e interpretação de uma sequência” (SILVA, 2010, p. 78). A memória discursiva estaria, portanto, ligada às diversas formações discursivas imbricadas nos diversos discursos produzidos em determinado espaço e tempo social.

Ao mesmo tempo que o *ficwriter* escreve a partir do discurso de Riordan, ele o ressignifica, trazendo à baila aspectos inerentes à sua criatividade. Na narrativa de *Marcy\_Levesque* isso se apresenta a partir de um outro contexto situacional, em que os personagens (semideuses) já sabiam dos seus poderes e se consideravam uma “praga” e “perigosos” para a humanidade, até perceberem que não são os únicos “humanos” com esses poderes e até descobrirem que na verdade são semideuses.

Um fato interessante, é a forma através da qual os *ficwriters* recriam as narrativas, dando novo rumo às personagens e mesmo modificando suas características de acordo com seus objetivos. Um exemplo disso, é o caso da personagem Annabeth que em *Os Olimpianos* é uma das personagens principais. No original, versão de Riordan, ela é uma semideusa, filha da deusa Atena com um cientista humano. A sua participação no enredo é sempre fundamental, pois ela é conhecida pela sabedoria e conhecedora de técnicas de guerra, dons que recebeu de sua mãe (Atena). Na versão que estamos analisando (de *Marcy\_Levesque*), o *ficwriter* já adiantou que modificará a identidade dessa personagem que, na sua narrativa, descobrirá que não é uma semideusa, conforme a materialidade abaixo:

Figura 02: (Re)escrita literária



Fonte: *Fanfic Perseguidos Pelo Destino*

A figura acima retoma os elementos da narrativa de Riordan atribuindo novo sentido, ou melhor, transformando-o. Evidentemente, o enunciado é construído através da retomada da narrativa de Riordan, sem, no entanto, realizar uma mera reprodução. O novo encaminhamento dado a narrativa se dá pela instrumentalização da memória discursiva que, por sua vez, possibilita a cadeia ininterrupta da língua. A narrativa de *Os Olimpianos* dá



~ThalicoForever9

Postado 11/09/2015 22:55



Bota thalico

Nota: ★★★★★

Usuário

Sempre thalico

Fonte: *Fanfic Perseguidos Pelo Destino*

Conforme pode ser observado, as figuras 03 e 04 apontam para a participação dos fãs no desenrolar das narrativas dos *ficwriters*. A materialidade da primeira figura traz à tona a opinião de um dos fãs/leitores sobre a procura constante dos jovens semideuses em busca de autoconhecimento, ou seja, de descobrirem sobre o que ou quem são. A segunda figura, por sua vez, evidencia uma sugestão. A usuária *ThalicoForever9* sugere a entrada de mais um personagem de Riordan na narrativa, o que foi acatado pela autora em capítulos seguintes. Os enunciados analisados demonstram a forma através da qual a *fan culture* se estabelece como cultura participativa, trazendo à baila uma interpretação bastante atual sobre a cultura em que o indivíduo não pode mais ser concebido apenas como epifenômeno da estrutura social.

Nesse sentido, a (re)escrita criativa nas *fanfics* pode ser entendida como forma de materialização do desejo de fusão e sacralização ligados à necessidade de compartilhamento de suas emoções e imaginação simbólica inerentes à construção identitária dos fãs. Escrever uma obra a partir do universo adorado é compartilhar experiências “ritualistas” em comum, experiências de leitura que se materializaram através das narrativas e comentários de fãs/escritores/leitores que compartilham dos mesmos rituais de adoração e *sacraclização*<sup>9</sup>, assim como compartilham do mesmo sentimento de pertença e desejo de fusão.

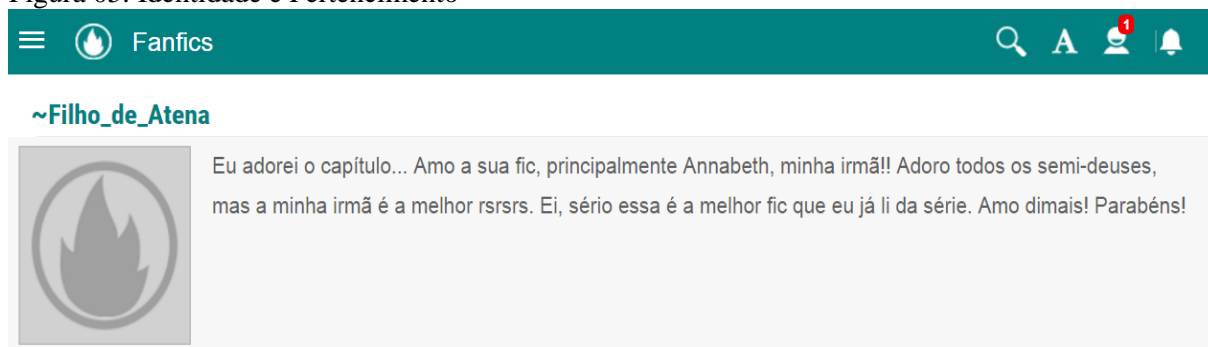
Ao tratar das emoções nas relações fã/ídolo, Coelho<sup>10</sup> (1999) escreve que as experiências de afeto construídas a partir dessa interação se concretizam como forma de “estado fusional”, como se tais emoções propiciassem ao sujeito um afastar-se de si mesmo ao

<sup>9</sup> O termo sacralização usado nesse trabalho foi usado por Bussab (2004), Vieira (2015), Vieira e Paiva (2015) etc., para designar a relação entre a relação fã/ídolo e rituais de sacralização dos ídolos e objetos adorados, para tanto, os fãs construíram espaços e mecanismos em que que materializam tais rituais de sacralização. A (re)escrita criativa pode ser entendida como um desses mecanismos, através da qual a obra *Os Olimpianos*, o próprio Rick Riordan e os personagens são sacralizados.

<sup>10</sup> Na pesquisa a que nos referimos, Coelho (1999) analisou um conjunto de 280 cartas de fãs endereçadas a ídolos televisivos, mais especificamente, um ator e uma atriz de grande projeção nacional. Ambos eram atores protagonistas de novelas da Rede Globo de Televisão em horário nobre.

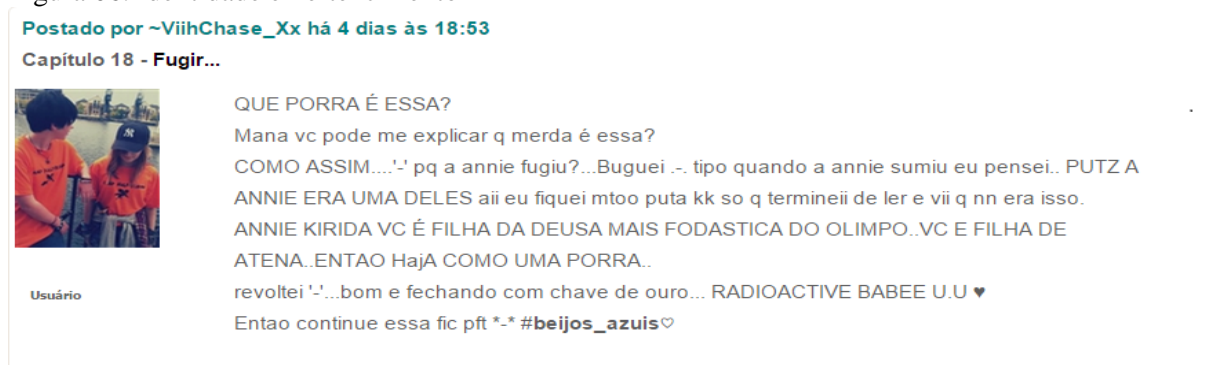
mesmo tempo em que se perde na adoração do outro. Segundo Rezende e Coelho (2010, p.31), tais emoções compensariam “as incertezas do eu, permitindo a eclosão de uma sensação de êxtase. Amor e carisma teriam assim em comum a capacidade de provocar no indivíduo enamorado/fascinado uma sensação de conforto gerada pela ‘fusão’ com o outro”. À vista disso, propomos a leitura das materialidades que seguem:

Figura 05: Identidade e Pertencimento



Fonte: *Fanfic Perseguidos Pelo Destino*

Figura 06: Identidade e Pertencimento II



Fonte: *Fanfic Perseguidos Pelo Destino*

As materialidades acima apresentadas constituem práticas de uma formação discursiva que demonstra o desejo de fusão dos fãs, já analisado por Coelho (1999), Vieira (2015), Vieira e Brito (2015), Vieira e Paiva (2015), etc. A construção dos enunciados, tanto na figura 05 como na figura 06, apontam para a fusão do indivíduo fã e seu objeto de desejo. O nome de usuário (Filho\_de\_Atena), presente na materialidade da primeira figura, nos remete a imaginação simbólica e representação social, através das quais o sujeito/fã se confunde com o sujeito Filho de Atena, entendido como pseudônimo do que ele é. Isso traz à baila o forte desejo de fusão dos fãs que constroem uma linha bastante tênue entre a imaginação simbólica e sua própria identidade.



Já a materialidade da segunda figura traz uma espécie de fusão entre o nome do fã e o sobrenome da personagem cultuada (Chase), que faz menção a filiação dos deuses. Nas *fanfics*, costuma-se usar o sobrenome dos personagens cultuados. Neste caso, Chase se refere ao sobrenome de Annabeth que na obra de Riordan é filha de Atena. Tal mecanismo nos remete ao desejo dos fãs de se fundirem com o objeto de adoração, tornando-se parte dele. Nesse caso, o uso do sobrenome Chase aponta para o desejo de filiação à deusa, ainda que seja de forma imaginária, simbólica e representativa.

O recurso citado produz efeitos de sentido ligados à própria identidade. Conforme escreve Coelho (1999, p.30) “o nome, primeira percepção de si, individualiza; mas é no renome que se constrói a identidade, através da interação com o olhar do outro”. O nome é intransferível e pessoal, denota um conhecimento de si. O nome de um indivíduo (seja no mundo “real” ou virtualizado) representa toda uma trajetória de vida, escolhas, emoções, representa um “eu sou”, um estar no mundo e está associado ao conhecimento que o sujeito tem de si e de sua identidade. A atribuição de um nome que faz referência a filiação com Atena demonstra a relação construída entre o sujeito e adoração/sacralização do ídolo ou objeto de desejo, entre ele e os personagens, de modo que ambos se (con) fundem.

Tanto os enunciados da figura 05 como da figura 06 trazem elementos com relação a imaginação simbólica e representação social no ciberespaço. Na primeira figura, o usuário intitulado de Filho\_de\_Atena escreve sobre o quanto ama os semideuses “principalmente, Annabeth”, que segundo ele é sua “irmã”. A segunda figura, por sua vez, também traz marcas da imaginação simbólica quando o ViihChase (nome de usuário) revolta-se ao perceber que a personagem Anne (filha de Atena na narrativa *ficwriter*) foge diante de uma situação de perigo. Para ele, uma “Filha de Atena” não pode fugir. O enunciado “Annie KIRIDA VC É FILHA DA DEUSA MAIS FODÁSTICA DO OLIMPO.. VC É FILHA DE ATENA.. ENTÃO haJA COMO UMA” denota o quanto é importante ser filho de Atena, por esse motivo a revolta do fã, pois como ele, um filho de Atena não deve fugir das situações de perigo. Isso não parece ser coerente com aqueles que se intitulam filhos da Deusa da Guerra e da Sabedoria.

Ouro aspecto importante que perpassa a (re)escrita criativa nas *fanfics* é o “desejo de singularização” dos fãs, tendo em vista que ele (o fã) não deseja ser apenas mais um no meio da multidão. Por esse motivo, o fã/adorador/fascinado constrói mecanismos de singularização, pois ele deseja ser correspondido afetivamente, tornando-se o fã número 01. Nas *fanfics*, por exemplo, o reconhecimento da qualidade de suas narrativas por outros fãs apresenta-se como

elemento importante para o desenvolvimento e conclusão das obras, visto que quando não há receptividade por parte dos componentes da *Spirit*<sup>11</sup>, a *fanfic* acabe sendo excluída pelo próprio autor ou mesmo abandonada (embora seja menos comum).

Tal reconhecimento se dá (nas *fanfics*) através de comentários que estão disponíveis aos leitores. Através desses comentários eles expõem sua opinião sobre as narrativas (re)criadas, elogiando, revoltando-se com o encaminhamento do enredo, sugerindo mudanças e, conseqüentemente, interferindo no curso da narrativa. Esses comentários são de grande importância para a dinâmica das relações entre os *ficwriters* e demais participantes da rede, pois é notório que se estabelece uma espécie de disputa através da qual se busca o título de melhor *ficwriter*, prevalecendo o desejo de ser aquele que melhor incorpora em suas criações o universo cultuado. Os *ficwriters* desejam, portanto, singularização.

Sobre essa questão, propomos a análise das materialidades abaixo:

Figura 07: O verbo favoritar



Fonte: *Fanfic Perseguidos Pelo Destino*

Sobre a Figura 07, vale destacar a forma como as interações se dão em torno do reconhecimento da qualidade das narrativas elaboradas. Constrói-se certa ritualística sob o status do melhor *ficwriter*, desejo de todo fã/escritor. A plataforma da *Spirit* possibilita a opção de *favoritar*, ou seja, o usuário pode qualificar as *fanfics* que lê, tornando-as favoritas entre as *fanfics* existentes. Esse recurso possibilita a avaliação das narrativas, o que possibilita a criação de uma espécie de competição em torno das melhores criações.

É interessante lembrar que isso só reforça o paradoxo do anonimato dos fãs frente à sua singularização, gerando um conflito evidente. Na pesquisa de Coelho (1999), por exemplo, 25% das cartas dos fãs usavam a expressão “fã número 1”. Conforme afirma Bussab (2004) quanto mais o fã tenta se diferenciar dos outros, mais ele se iguala, porque todos

<sup>11</sup> Rede Social composta por diversas *fanfics*.

guardam/expressam o desejo de serem o fã número 01 e, no caso das *fanfics*, o desejo de ser o *ficwriter* número 01.

As análises até aqui realizadas apontam para forte desejo de fusão entre fãs, ídolos e objeto de adoração, trazendo à tona a influência da *fan culture* e da literatura de massa na formação de subjetividades e constituição da identidade dos leitores de *Os Olimpianos*. Salientamos ainda a forma através da qual a *fan culture*, assim como as *fanfics*, se configura como forma participativa de interação simbólica, através da qual o fã se constitui como coparticipante da cultura e do universo literário cultuado.

### **Considerações finais**

Neste trabalho propomos analisar a relação entre a (re)escrita criativa nas *fanfics* e as marcas de subjetividade na produção discursiva, tanto dos *ficwriters* quanto dos *ficreaders*. A partir da Análise do Discurso, propomos uma pesquisa que superasse o modelo científico disciplinar, trazendo à baila uma discussão sobre a constituição da identidade dos fãs no ciberespaço (mais especificamente, nas *fanfics*), a partir de uma discussão em torno da (re)escrita literária, da construção da identidade e dos Estudos da Comunicação.

Endossando os resultados de pesquisas anteriores como Bussab (2004), Vieira (2015), Vieira e Brito (2015), Coelho (1999), a relação entre fãs e ídolos e/ou objeto cultuado e a construção da identidade dos fãs/leitores/escritores estão ligadas ao desejo de fusão, ao sentimento de singularização, a imaginação simbólica e a representação social no ciberespaço, no nosso caso, nas *fanfics*.

Nesse sentido, a (re)escrita criativa apresenta-se nas *fanfics* como um mecanismo de construção de uma cultura participativa através da qual se materializam marcas de subjetividade e identidade dos fãs. Por meio dela, os fãs interferem no curso da narrativa, posicionando-se com relação aos acontecimentos narrados, suas expectativas e frustrações. Sendo a *fanfic* constituída a partir hipertextualidade e, por conseguinte, da multimodalidade, a (re)escrita criativa não se restringe aos textos produzidos pelos *ficwriters*, estando presente também nos comentários, *nicknames* e imagens que constituem a forma/conteúdo dos gêneros multimodais/digitais.

Os resultados da nossa pesquisa apontam, portanto, para duas conclusões (ainda que iniciais). A primeira, refere-se à forma através da qual a *Indústria Cultural* e literatura de massa influenciam no processo de mediação de subjetividades e construção da identidade do

público leitor, principalmente, o público infanto-juvenil. A atuação dos *ficwriters* e dos *ficreaders* na *fanfic* analisada nos remete a influência da série analisada na construção da identidade desses jovens que, em muitos casos, se intitulam como “semideuses”, o que aponta para o desejo de fusão inerente a relação fã/ídolo/objeto de adoração.

À vista disso, salientamos a necessidade de construção de um conhecimento científico-literário sobre as diversas literaturas à margem do cânone, incluindo a chamada literatura de massa. Não se pode negar a forma através da qual ela (a literatura de massa) se filia aos processos de formação de subjetividade e identidade do público infanto-juvenil, sejam fãs ou apenas leitores.

## Referências

AMOR, Emília. *Didática do Português: Fundamentos e Metodologia*. Lisboa: Texto Editora, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEAUDOT, Alain. La Créativité à l'École. In: DIAS, Minervina. *Como Abordar... A Escrita Expressiva e Lúdica*. Porto: Areal Editores, 2006.

BUSSAB, Mariana de Oliveira. *A Celebridade e Seus Fãs: contribuição ao estudo das comunidades de marca no setor do entretenimento da Fundação Getúlio Vargas*. 2000. 191 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – EAESP, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2004.

CACHADA, M. C. B. S. *A Escrita Criativa em Contexto Escolar*. Tese de Mestrado, Universidade do Minho, 2005.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*: The Hague: Mouton, 1957.

\_\_\_\_\_. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

COELHO, M. C. P. *A experiência da fama: individualismo e comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

DORNELLES, Jonatas. *Vida na rede: uma análise antropológica da virtualidade*. Tese de doutorado. Porto Alegre/RS, 2008.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio Século XXI Escolar: ou minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIGUEIREDO, Maria de Lurdes Coelho de. *Do domínio da expressão escrita à escrita criativa* (Relatório de Estágio) 67f. Programa de Pós-graduação em Ensino de Português. Universidade de Coimbra. 2013. 67f.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GROSSBERG, L. Is there a fan in the house? The affective sensibility of fandom. In: LEWIS, L. *The adoring audience: fan culture and popular media*. London: Routledge, 1992.

HOUDART-MEROT, V. *Réécriture et Écriture d'Invention au Lycée*, Paris: Hachette Éducation, 2004.

JENKINS, Henry. *Fans, bloggers and games: exploring participatory culture*. New York: New York University, 2006.

\_\_\_\_\_. *Textual poachers: television fans e participatory culture*. New York: Routledge, 1992.

\_\_\_\_\_. *Cultura da convergência*. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da Memória*. Tradução e introdução: José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.

PEÇAS, Américo A Escrita e a Leitura. In: DIAS, Minervina. *Como Abordar... A Escrita Expressiva e Lúdica*. Porto: Areal Editores, 2006.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

VIEIRA, Demóstenes Dantas. *A Relação Fã/Ídolo, o Forró Eletrônico e a Distinção Social: Discurso, Emoção e Identidade*. 2015. 122f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN 2015.

VIEIRA, Demóstenes Dantas; BRITO, Luan Talles. *Fan Culture e Escrita de Si: O que Desejam os Fãs?*. *Corpo é Discurso*. n. 41, Fev. de 2015 p. 16-20.

*Revista de Letras Norte@mentos*

Estudos linguísticos, Sinop, v. 10, n. 22, p. 147-167, jul./dez. 2017.

VIEIRA, Demóstenes Dantas; PAIVA, Maria Soberana de. A Relação Fã/Ídolo e o Desejo de Fusão: uma Leitura dos Processos de Subjetivação a partir das Emoções. *Revista Luminária*. v.17 n.01 p. 50-65 jan/jun de 2015.

## **THE *FANFICS* AND THE OLYMPIANS: CREATIVE WRITING, SPEAKING AND IDENTITY IN VIRTUAL ENVIRONMENT**

### **ABSTRACT**

This paper proposes the analysis of fanfic *Persecuted by Fate*, inspired by the series Percy Jackson and the Olympians of the American author Rick Riordan. Through it we aim to analyze the relationship between creative writing, speech and identity of fans from their productions. Therefore, we propose to understand the process of creative writing in *fanfics* and analyze the discursive mechanisms through which ficwriters (writers of *fanfics*) materialize traces of subjectivity and identity in their productions, reflecting on the influence of mass literature in the building of the fans/readers/writers. As a theoretical framework, we emphasize the contributions Rabbit (1999), Rezende and Coelho (2010), Vieira (2015), Vieira and Brito (2015), Bauman (2005), Jenkins (1992/1999/2006), Foucault (2012), Pêcheux (2010), Orlandi (2012) and several researchers at Creative Writing, such as Cachada (2005), Figueiredo (2013), Houdart-Merot (2004), Ostrower (1987), among others. Test results point to a *fan culture* and *fanfics* as forms of participatory culture and the desire to merge, fascination and adoration inherent in the relation fan / idol, emotions that materialize in the discursive practices built from the (re)creative writing.

**Keywords:** Fanfic, creative writing, speech, identity.

Recebido em 03/03/2017.

Aprovado em 04/05/2017.